Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social

UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

Ano VI·nº257·Uberaba/MG·de 26 de agosto a 1 de setembro de 2003

Raízes do latifúndio

João Pedro Stedile, um dos coordenadores do MST, conta a história da concentração de terra no país e explica o sentido da luta dos movimentos sociais

págs. 6 e 7

issuu-downloader.com

Editorial

Retomar a terra, recobrar a esperança

Em 1996, Dom Paulo Evaristo Arns, então Arcebispo de São Paulo, em apresentação do relatório que tratava dos conflitos no campo assim se expressou: "A história brasileira se iniciou sob o signo maligno do latifúndio já que, em 1494, Portugal e Espanha, assinando o Tratado de Tordesilhas, repartiam terras, povos e riquezas. Massacrando culturas e corpos, negavam o direito à terra e aos seus verdadeiros ocupantes.

Os cem anos que nos separam do genocídio de Canudos, ocorrido no sertão da Bahia entre os anos de 1896 e 1897, não devem ser esquecidos, pois a brutalidade que massacrou quase trinta mil sertanejos, destruindo 5.200 casas e plantações, precisa "queimar" nossas consciências".

Decorridos alguns anos, notamos que está chegando o tempo de se fazer reformas profundas no Estado Brasileiro, não obstante tenha que conjugar fortes interesses, regados, por vezes, com poupudas verbas mantenedoras dos cargos políticos que corroboram privilégios seculares, razão da exclusão e exôdo rurais. Que se queimem consciências!

Entre as reformas, talvez, a mais urgente seja a Reforma Agrária. Além de reparar erros históricos, e quiçá, redimir de nossas terras sangue inocente por elas sugado mediante tombamentos injustos e impunes, a reforma agrária há de fazer germinar sementes de justiça, que transformadas em geração de novos empregos – tão necessários - sirvirão de sustento para dar o pão a tantas famílias.

Política agrícola, agricultura familiar, empréstimos com juros baixos para os pequenos agricultores são alguns dos componentes que permitirão a reforma agrária acontecer de fato, sem acirramento de ânimos e de enfrentamentos espetaculares para microfones e câmeras. O conflito só se justifica no campo das idéias.. É preciso ter ousadia política para fazer a reforma agrária. Ela não só é necessária como urgente. Razão de nossa esperança. Esperamos uma Reforma Agrária pacifica, sem extremismos. Esperamos que se repartam as terras no Brasil e não as mentes, os corpos e os corações de nossos irmãos! Somos um povo, uma nação e não retalhos de gente, migalhas de pão.

Entre as reformas, talvez, a mais urgente seja a Reforma Agrária

Raízes do latifúndio, reportagem de André Azevedo, quer trazer a voz alternativa do MST, um dos movimentos mais bem organizados do mundo pela conquista democrática do direito à terra, às vezes, ridicularizado e mal-interpretado por alguns, mas consciente da necessidade e urgência da reforma agrária.

Nosso ***Revelação*** deseja com essa matéria de capa mostrar um pouco da história do latifúndio e soprar as cinzas que encobrem as brasas das consciências atacadas pelo *vírus* da ganância. A terra é um dom e um direito de todos!

Agenda

Laura Pimenta
6º período de Jornalismo

Encontro "Anti-estresse"
2º encontro com Massagem, Cristais e Reiki na alternativa Cultural
Data: 27 de agosto
Horário: 9h às 17h
Local: Alternativa Cultural
Endereço: Tristão de Castro, 194 – Centro

Inauguração
A agência de viagens Flytour inaugura oficialmente suas atividades, com sorteios de brindes
Data: 29 de agosto
Horário:19h
Local: Agência Flytour – Campus II da Universidade de Uberaba
Informações: 3311-8600

Congresso
Congresso Brasileiro de Pesquisas Cafeeiras realiza sua 29ª edição
Data: 4 a 7 de novembro
Local: Pousada Dona Beija (Araxá)
Informações: (21) 2233-8593
Obs: O prazo para remessa de trabalhos vai até o dia 30 de setembro. Os trabalhos deverão ser enviados por e-mail para procafe@varginha.br

Curso
Curso Livre de Reflexologia Craniana (com certificado)
Data: 30 e 31 de agosto
Horário: 9h às 12h e das 14h às 18h
Local: Academia Hatha Yoga
Endereço: Tristão de Castro, 140 – sala 07
Ministrante:Bento de Albuquerque
Investimento:R$ 80
Informações e inscrições: Alternativa Cultural

OMBUDSMAN

"Aluno" ou "estudante"?

Newton Luís Mamede

Freqüentemente, a sociedade é "premiada" com algumas "pérolas culturais" (presente de grego!) sem nenhuma sustentação científica, mas que surgem do nada e de repente, e, também de repente, ganham abono e trânsito livre na própria sociedade. Isso constitui um perigo, evidentemente, pois o fato pode transformar um erro, uma mentira, uma bobagem em verdade, e, aí, a *heresia* pode consagrar-se como "ciência" e convencer os incautos e leigos naquele assunto ou naquele objeto de conhecimento.

Quando se trata de um equívoco, de um desvio, de um erro nascido numa universidade e por ela divulgado como certo, a coisa, então, torna-se muito mais grave, praticamente *criminosa*, pois engana, confunde, ilude os alunos e o público, ou a sociedade. O caso vem à tona devido a um conceito errôneo, falso, que vem sendo divulgado no meio universitário, principalmente entre professores e dirigentes. E até *pregado* por palestrantes e treinadores pedagógicos... Trata-se da etimologia da palavra *aluno*. O absurdo que vem ganhando campo é o "ensinamento" de que tal palavra significa *"não luz"*, ou *"sem luz"*, pois é "formada pelo prefixo *a-*, que significa negação, e pelo elemento *lun-*, adulteração de *lumen, luminis*, do latim, que significa *luz*"... E, por significar "ausência de luz", a palavra é "pejorativa, depreciativa, ofensiva, antipedagógica", e outros palavrões...

Agora vejam quanta bobagem e quanta irresponsabilidade! Ou melhor, quanta ignorância! Partindo de um meio culturalmente elevado, como a universidade, a *heresia* ensinada e divulgada constitui uma contradição da ciência, coisa que a universidade não pode ser, pois ela mesma, a universidade, é sede da ciência, isto é, do **conhecimento certo**, **seguro**, **fundado na verdade**. Para que os leitores tenham idéia do tamanho do absurdo conceptual acima citado, vamos apresentar a etimologia e os significados da palavra *aluno*. Apresentação simples e rápida, já que este artigo não é um tratado de filologia, nem uma aula.

A palavra já existe em latim (muito antes de Cristo...): *alumnus, alumni*, substantivo masculino da segunda declinação. 1. Sentido próprio: **criança de peito**. Sentido empregado por Cícero, na obra *Verrinas*. 2. Daí, sentido figurado: **discípulo**. Sentido empregado também por Cícero, na obra *De finibus*. – Fonte: FARIA, Ernesto. *Dicionário Escolar Latino-Português*. MEC, 1962.

Prosseguindo. O substantivo *alumnus*, por sua vez, deriva do verbo *alere (alo, -is, alui, altum* ou *alitum, alere*. Informações citadas para quem sabe consultar verbo em dicionário latino*)*. Significados do verbo *alere*: 1. Alimentar, nutrir (sentido próprio e figurado). (Cícero: obra *De Natura Deorum*). 2. Daí: fazer crescer, desenvolver, animar, fomentar (sentido próprio e figurado). (Cícero: obra *Catilinárias*) – Fonte: a mesma acima citada.

Passemos, agora, à etimologia e aos significados apresentados por outra fonte (HOUAISS, Antônio. *Dicionário* ***Houaiss*** *da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001). – (Transcrição literal): ETIM lat. *alumnus, i* 'criança de peito, lactente, menino, aluno, discípulo', der. do v. *alere* 'fazer aumentar, crescer, desenvolver, nutrir, alimentar, criar, sustentar, produzir, fortalecer etc.'

E então? Como pode alguém, de instrução universitária, inventar que *aluno* é uma palavra formada pelo prefixo *a-* (negação) e pelo elemento *lun-*, adulteração de *lumen, luminis* (em latim: luz)? Isso é até "bonito", como invenção engenhosa... Mas é puro engodo, mentira, leviandade! Já pensaram se todo *a-* inicial de palavras em português for o prefixo *a-* com o sentido de negação? O que significariam, então, palavras como *amarelo, abacaxi, azul, abacate*?... E a palavra *assalariado*?! Já imaginaram se ela significasse *"não salário"*, ou *"sem salário"*?... Seria o retorno ao trabalho escravo... Trabalho nosso: de professores universitários, de funcionários graduados...

Newton Luís Mamede é Ombudsman e professor de Língua Portuguesa e de Língua Latina da Universidade de Uberaba

Revelação Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social, produzido e editado pelos alunos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade de Uberaba (revelacao@uniube.br)

Supervisora da Central de Produção: Alzira Borges Silva (alzira.silva@uniube.br) • • • Edição: Alunos do curso de Comunicação Social • • • Projeto gráfico: André Azevedo (andre.azevedo@uniube.br) Diretor do Curso de Comunicação Social: Edvaldo Pereira Lima (edpl@uol.com.br) • • • Coordenador da habilitação em Jornalismo: Raul Osório Vargas (raul.vargas@uniube.br) • • • Coordenadora da habilitação em Publicidade e Propaganda: Karla Brges (karla.borges@uniube.br) • • • Professoras Orientadores: Norah Shallyamar Gamboa Vela (norah.vela@uniube.br), Neirimar de Castilho Ferreira (neiri.ferreira@uniube.br) • • • Técnica do Laboratório de Fotografia: Neuza das Graças da Silva • • • Analista de Sistemas: Cláudio Maia Leopoldo (claudio.leopoldo@uniube.br) • • • Reitor: Marcelo Palmério • • • Ombudsman da Universidade de Uberaba: Newton Mamede • • • Jornalista e Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar • • • Impressão: Gráfica Imprima
Fale conosco: Universidade de Uberaba - Curso de Comunicação Social - Jornal Revelação - Sala L 18 - Av. Nenê Sabino, 1801 - Uberaba/MG - CEP 38055-500 • • • Tel: (34)3319-8953
http:/www.revelacaoonline.uniube.br • • • Escreva para o painel do leitor: paineldoleitor@uniube.br - As opiniões emitidas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores

issuu-downloader.com

Malhação

Chega de preguiça!

Curso de Educação Física oferece atividades esportivas gratuitamente

Graziela Christina de Oliveira
1º ano de Jornalismo

A prática de esportes é recomendada por vários profissionais como forma de prevenir doenças e manter o corpo e a mente em perfeita harmonia.

Os esportes são muito importantes. Eles ajudam a melhorar o equilíbrio, a força, a agilidade, a postura e a coordenação de uma pessoa.

Mas diversos fatores contribuem para que muitos indivíduos mantenham uma vida sedentária. A famosa "falta" de tempo, a eventual "preguiça" e a grana que não sobra para pagar uma academia…

Mas apesar disto, muita gente gostaria de fazer alguma atividade física, só que faltava um lugar adequado, com alguém que pudesse orientar e, ainda, que não gerasse gastos.

E foi para responder a esses anseios que, em maio de 2003, surgiu o projeto "Esporte e Cia", desenvolvido pelo curso de Educação Física em parceria com o PAE (Plano de Atenção ao Estudante).

A primeira modalidade esportiva desenvolvida foi o Futsal. Como à tarde e à noite os espaços ficavam vazios, muitos alunos pediam para usar a quadra, mas sem que houvesse a supervisão de algum professor.

Diante disto, detectou-se a necessidade de organizar estas práticas esportivas. Professores que desenvolviam um projeto aqui e outro ali, se mobilizaram para sensibilizar outras pessoas em torno de um único trabalho.

O projeto começou meio tímido. No início, a divulgação foi feita apenas para os diretores de curso. Mas os inúmeros compromissos fizeram com que essa idéia não fosse passada adiante e, assim, a maioria dos alunos não ficou sabendo da novidade.

Agora, a solução vai ser fixar informativos pelos quadros da faculdade. Mas mesmo antes disso, a mudança já pode ser notada: até o semestre passado, o número de alunos paricipantes era de 70 por dia. Hoje, a procura é tanta que um novo levantamento está sendo feito.

O Projeto

O "Esporte e Cia" conta com a participação de alunos de educação física, enquanto monitores, sob o supervisionamento de um professor. O projeto atende somente à comunidade da Universidade de Uberaba: alunos (campos I e II), funcionários e colaboradores.

Mas a demanda tem sido alta. "No começo do semestre tivemos uma procura muito grande e, futuramente, podemos estender até a comunidade", disse a diretora do curso, Taciana Pradines Coelho Sabino.

As aulas acontecem nas quadras, nas piscinas e nas salas onde há material disponível. Para fazer uso da piscina, o aluno deve, primeiramente, procurar o PAE para fazer um exame médico.

A musculação é uma das atividades mais procuradas. Como o espaço é pequeno, o número de alunos, por aula, não pode exceder a dez. A solução, então, foi disponibilizar mais horários para a prática dessa modalidade.

E no caso da musculação, principalmente, é feito um acompanhamento de perto para evitar que a pessoa tenha alguma lesão praticando o exercício de forma incorreta.

A preocupação dos organizadores é justamente impedir que os alunos se machuquem nas dependências da faculdade.

E depois de muito suor, os alunos podem tomar um bom banho antes de irem para suas salas de aulas. As duchas estão localizadas no bloco T.

A diretora do curso explica ainda que, este projeto serve, inclusive, como atividade complementar, além de cumprir a exigência do estágio. "Muitos alunos são encaminhados para cumprirem estágio aqui dentro e isso facilita."

E até quem está no primeiro ano pode participar, acompanhando aqueles que fazem estágio. Fica o exercício da observação.

Participação

Uma parceria entre a Universidade de Uberaba e a TV Ideal resultou na participação de alguns alunos na Copa Ideal de Futsal.

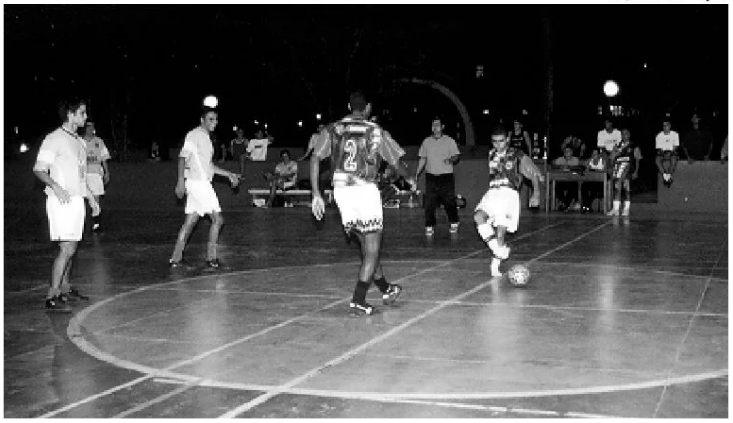
No dia sete de agosto, cinco alunos acompanhados da diretora do curso, Taciana, foram para Ituiutaba para participarem da abertura da competição.

Os meninos fizeram três apresentações: uma de Body Jam, outra de Body Combat e uma de Body Attack.

Durante a Copa, os alunos vão participar como cronometistas e mesários, sempre acompanhados de um professor.

Além disso, a coordenação dos JIMIs (Jogos do Interior de Minas), solicitou alguns acadêmicos para auxiliarem na realização das atividades. "É uma oportunidade muito boa para os alunos vivenciarem diversas modalidades esportivas e verem como a organização de um evento é complexa", ressalta a diretora.

arquivo Revelação



Futsal é uma das modalidades oferecidas pelo projeto Esporte e Cia

Projeto atende aos professores, alunos e colaboradores da Uniube

Como a competição deve ir até o início de novembro, poderá ser feito um revezamenro entre os alunos com a participação, até mesmo, daqueles que estão cursando o primeiro ano.

A Fereração dos JIMIs, juntamente com a Secretaria de Esportes de Uberaba, vai fornecer um curso de arbitragem para os alunos. "Com o curso de arbitragem, os acadêmicos vão poder atuar, mas sob a supervisão de um árbitro formado", explica Taciana.

Desde 1998, quando a profissão foi regulamentada, ninguém mais pode atuar, seja na realização de aulas, ou, até mesmo, na organização de eventos, sem estar credenciado.

O CREF (Conselho Regional de Educação Física), vai fiscalizar os locais de prática de atividades para fazer valer o direito deste profissional.

Além de participar destes eventos, no próximo mês, a Universidade de Uberaba vai sediar alguns deles. Nos dias três, quatro e cinco de setembro, a instituição vai ralizar as provas de futsal e atletismo dos jogos entre os acadêmicos de medicina, o INTERMED.

A prova de atletismo dos JIMIs será realizada na Uniube, nos dias 27 e 28.

E, ainda em setembro, acontecerão as Olimpíadas da Universidade, aberta a todos os cursos. Os interessados já podem se organizar e aguardar a divulgação do evento.

Responsabilidade

A integração entre os cursos é um ótimo caminho para um melhor aprendizado. No próximo mês, palestras que atendem alunos de nutrição e fisioterapia, também serão ministradas, em seminários, aos acadêmicos de Educação Física. "É assim que a gente quer fortalecer o curso. Um profissional, acima de tudo, como promotor de saúde. A questão estética é um ganho a mais", afirma a diretora.

O novo enfoque do curso, que tenta não restringir a atividade física apenas no âmbito da academia, já pode ser verificado. Muitos alunos atuam nas UBs (Unidades Básica de Saúde), como a do bairro Alfredo Freire, trabalhando com idosos; na APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) e na ADEFU (Associação de Deficientes Físicos de Uberaba). "Nós queremos que o nosso acadêmico tenha uma visão global e trabalhe em equipes multidisciplinares, com responsabilidade social", disse a diretora.

Quem quiser participar do Esporte e Cia, basta escolher a modalidade (veja no quadro abaixo) e procurar Odete ou Aline na secretaria do curso que fica no bloco I.

Se não houver nenhum horário compatível, mas, mesmo assim, alguns alunos estiverem muito interessados, podem encaminhar a proposta de um novo horário para ser analisada pelo curso. "Nosso objetivo é ampliar cada vez mais para poder atender a todos. E quando possível, até descobrir atletas", disse Taciana.

Confira os horários das atividades na página do PAE no portal da Uniube (http://www.uniube.br)

issuu-downloader.com

Música

O Mágico das seis cordas

Marcos Vinícius é um dos concertistas de violão clássico mais respeitados na atualidade

Felipe Augusto dos Santos
4º período de Jornalismo

Uma técnica refinada faz de Marcos Vinícius um dos concertistas de violão clássico mais respeitados no mundo. Brasileiro, da cidade mineira de Congonhas, Marcos Vinícius toca desde os 14 anos de idade. Aos 16 anos, ele obteve seu primeiro reconhecimento, quando recebeu o "Diploma de Honra" do Departamento de Cultura da cidade de Congonhas. Diplomado com o título de Docente da Cátedra Superior em Violão Clássico pela Universidade Estadual de Minas Gerais, foi o fundador e diretor da revista especializada em violão clássico, a "Violão América", sendo também o idealizador e criador do mais famoso grupo violonístico brasileiro, a "Belo Horizonte Guitar Ensemble".

Em 1984, Marcos Vinicius venceu por unanimidade o III Concurso Nacional Villa-Lobos e, em 1987, recebe de Oscar Ghiglia o "Diploma di Mérito" da Accademia Musicale Chigiana di Siena (Italia) a ele conferido como o melhor violonista do curso de aperfeiçoamento daquele ano.

Marcos Vinícius foi o representante brasileiro no "II Internacional Guitar Festival" (Polônia) e, na Itália, apresentou-se no "Festival Internazionale Chitarristico Bustese", além de ser o concertista convidado para o famoso evento "Festa Internacional da Música". Ele foi convidado para a temporada de concertos do Konsert Resit Rey Concert Hall de Istambul, ao International Music Festival de Stresa (Italia). Participou do Festival Internacional de Guitarra de Irun e no International Guitar Festival di Aranda (Espanha) e ao importante St. John's Smith's Square, de Londres.

Seus estudos foram acompanhados por renomados mestres tais como Léo Soares, Henrique Pinto, Maria Rachel e José Lucena, e na Europa pelo maestro Ruggero Chiesa.

Sua discografia é composta de quatro CD´s, todos eles com interpretações. Os CD´s "Dedicatoria", "My Hands...My Soul", "Marcos Vinicius, Guitar Recital" e "Leyendas" vem conferindo as mais importantes críticas de revistas especializadas em música, dentre as quais "Amadeus" a prestigiosa revista italiana de Musica.

Além de CD´s Marcos Vinícius faz transcrições e revisões para violão que são editadas pela Rugginenti Editore e Pongo Classica Musica (Italia) e pela Corda Music Publications, de Londres (Inglaterra) que são distribuidas em diversos países em todo o mundo. Atualmente é o responsável pela Marcos Vinicius Guitar Collection, coleção que leva seu nome e distribuídas pela Carrara Editions, de Bergamo.

O Presidente da "Accademia della Chitarra Classica di Milano" e Diretor Artístico do "Music Arts – Festival Internazionale di Legnano", Itália. Marcos Vinícius foi incluido, em um dos mais importantes dicionários de violonistas do mundo, o "Guitar&Players" publicado pela Ashley Publishing C.o, de Londres.

Em entrevista ao **Revelação**, Marcos Vinícius fala sobre sua história, sua carreira e sobre o seu novo CD, que será lançado no final deste ano.

Revelação: Como despertou o interesse pelo violão?

Marcos Vinícius : Eu tive um chamado para o violão. Um dia voltando do colégio, passei em frente a uma loja que não tinha nada a ver com violão, mas tinha um pendurado na vitrine. Eu fiquei diante da loja olhando para o violão, assim como um cachorro olhando para o frango. Um dia o proprietário da loja, que era muito amigo da minha família, percebeu e disse para a minha mãe que veio me procurar. Na época, eu tinha oito anos de idade e tive meu primeiro violão. A partir daí, eu comecei a tocar em casa trocando os dedos sem saber o que estava fazendo, mas admirado com os sons. Casualmente a doméstica que trabalhava na casa de minha mãe tinha um irmão que tocava violão. E ele me ensinou os primeiros acordes, que na terceira aula eu já estava sabendo todos que ele sabia. Quando eu fui estudar no Colégio Piedade tinha uma irmã chamada Crescência que se por tocava por música e me ensinou a tocar. Esse foi meu primeiro contato com o violão clássico.

Em 1984, Marcos Vinicius venceu por unanimidade o III Concurso Nacional Villa-Lobos

fotos: divulgação

Marcos Vinícius é hoje um dos concertistas de violão clássico mais respeitados do mundo

Revelação: O que fez você encontrar esse estilo como o preferido no instrumento?

MV: Uma vez me chegou em mãos um LP chamado "Vinte e sete horas de estúdio" do grande violonista Badden Powel. Uma das coisas mais lindas que eu tinha escutado até aquele momento. Depois desse dia, eu colocava o disco todos os dias e tentava tocar exatamente o que ele fazia. Algumas coisas eu consegui, outras não. Depois de um ano eu ouvi o grande André Segóvia tocando Bach. Quando eu o ouvi, disse: é esse violão que eu quero. Daí, com 14 anos, eu fiz meu primeiro concerto com as músicas que eu sabia tocar e que eu tinha aprendido a tocar com as partituras.

"Eu fiquei diante da loja olhando para o violão, assim como um cachorro olhando para o frango"

Revelação: Atualmente um músico encontra muitas dificuldades para seguir carreira. Você encontrou muitas dificuldades no início?

MV: O problema todo estava em morar em uma cidade pequena. Mas só que o dom estimula muito. Você encontra barreiras, mas é como se elas não existissem, você quer superá-las sempre. Com 14 anos, fui para Belo Horizonte para a casa de uma tia . Fiz a prova do conservatório, passei e entrei no terceiro ano. Um diretor de uma firma muito importante em Belo Horizonte que me viu tocar no casamento de uma prima minha, me arrumou um emprego, o que me ajudou a estabilizar na cidade.

Revelação: E com isso você conseguiu o que queria?

MV: Naquele momento sim, mas eu sempre achava que a estrada era muito pequena, eu queria sempre mais. Até hoje, eu não acho que o sucesso seja o ponto de chegada e sim uma via. Tem um começo mas

issuu-downloader.com

não um fim. É ruim você ver muitas pessoas que param por achar que chegaram, se acomodam e ficam estagnadas.

Revelação: Qual foi o caminho que o fez chegar até à Europa?

MV: Eu sempre procurava as oportunidades, tocava em todo lugar. Me chamavam pra tocar, e eu ia. Se não me chamavam, eu ia também (risos). Mas sempre foi assim, com a vontade de mostrar que violão pode ser dessa forma. Eu passava muito em frente a um seminário no Sagrado Coração Eucarístico em Belo Horizonte. Eu tinha um aluno que era seminarista e estudava lá. Pensava sempre em promover um concerto naquele seminário, até que um dia eu entrei, conversei com uma pessoa e marcamos um concerto. Nesse concerto tinha um missionário italiano que há anos está no Brasil. Quando terminou o concerto, ele me convidou para estudar na Europa. Pediu meu currículo e depois de seis meses eu estava na Europa. O pai desse seminarista, que gostava muito de mim, assim como a família dele, contribuiu comigo e pagou as passagens e todas as despesas enquanto eu estudei lá. Daí, eu anotava, em meu caderninho de supermercado, todos os endereços importantes e me correspondia. A partir daí começaram os convites.

Revelação: O músico era menos valorizado naquela época?

MV: O valor à música séria no Brasil é pouco. É muito comum nos países da América Latina as pessoas ouvirem por massificação. Culturalmente as possibilidades são muito maiores. As possibilidades sendo maiores, a seriedade também tem que ser maior ainda. E eu acho que as pessoas fazem com muita superficialidade. Não sei se é porque eu amo tanto aquilo que eu faço que eu fico comparando aquilo que seria correto.

Revelação: Foi difícil a sua adapatção na Europa?

MV: Não, eu já era adaptado. Quando você nasce, quando você tem uma sequência, você cria essas condições. Na primeira vez que pisei na Itália eu disse: essa é minha casa. Aconteceu aquela sensação como se eu estivesse retornando. Eu amo onde estou, me sinto na minha casa. Ninguém fala que eu sou brasileiro. Isso porque eu gosto das coisas de classes e de me vestir bem. Dessa forma eu me sinto bem. Não precisa ser rico pra gostar de coisas de classe. É bom sentirmos bem para que seja refletido no trabalho. Mas, minhas raízes não vou deixar nunca.

Revelação: Como os Europeus vêem a escola de violão clássico no Brasil?

MV: A escola brasileira é muito respeitada. Porque nós músicos brasileiros, tecnicamente falando, temos muito o que falta nos músicos europeus ou de qualquer outro lugar no mundo, a "ginga". Você vê um alemão tocar Bach e percebe que é uma coisa mais precisa. Já o brasileiro, você vê um pouquinho a mais. O que eu percebo é que falta muita formação cultural do músico. Falta conhecimento em nível musical.

Revelação: E a música brasileira Erudita em geral?

MV: A música brasileira é muito rica. Quanto você ouve Bach, Mozart em qualquer país é sempre Bach e Mozart. Agora Villa Lobos é muito importante para o violão em todos os países. Mas, para você impor Celso Machado, Dilermando Reis é uma coisa que leva muito mais tempo. Existem muitos compositores brasileiros para violão que estão fazendo obras muito contemporâneas, linguagem quase que inacessível para a grande maioria. Isso é bom para você adquirir o respeito de outros músicos, mas não de quem realmente garante sua carreira, que é o público. Não precisa fazer porcaria no violão como tem muita gente fazendo, não só no violão como em qualquer tipo de música. Vejo que isso é muito rico para o repertório do violão e não para o futuro do violão. É importante combinar bem estas duas linguagens para que o violão possa ter um futuro.

Nós músicos brasileiros temos o que falta nos músicos europeus ou de qualquer outro lugar no mundo: a 'ginga'

Revelação: Você concorda que o violão está caminhando para um futuro promissor?

MV: Sem dúvida, principalmente no Brasil. O problema é que ninguém considera o violonista como trabalhador. Se você fala que é violonista, eles lhe perguntam qual a sua outra profissão mesmo. É cultural, o violão tem essa imagem boêmia. E tem muita gente boa no Brasil tentando abrir essa porta. Todos os estados brasileiros têm conservatórios com programas de curso superior. Isso já é um grande passo.

Revelação: Você conhece outros violonistas brasileiros que trabalham fora?

MV: Conheço o Fábio Zanom, de São Paulo, mas mora em Londres e faz um trabalho muito bom; Marcelo Fortuna que é compositor lá em Portugal. Tem muita gente boa tocando por aí.

Revelação: Pelas oficinas de violão dá pra notar se houve um crescimento do interesse pelo violão Erudito?

MV: Sim, eu percebo um crescimento muito grande por parte das pessoas pelo violão solista. É lógico que, a cada cem, talvez um siga esse caminho, porque você tem que renunciar a muita coisa. Mas já é algo.

Revelação: Além do CD você também fez alguns trabalhos impressos. Como são esses trabalhos?

MV: São transcrições e revisões para violão. Em um ano publiquei mais de 20 títulos. É um dos meus sonhos realizados. Eu me lembro que, quando tinha 20 anos, comecei a ditar minhas transcrições e minhas revisões. Mandei carta para todo mundo, para ver se alguém editava. Daí eu chamei a copista da Orquestra Sinfônica de Minas Gerais para escrever as partituras. Ela escrevia as notas e eu fazia a digitação e vendia as fotocópias sem nunca desanimar, que é o mais importante. Primeiro colocava meu nome, maior até que o próprio nome da música (risos). Hoje obviamente eu não faço isso, pois já consegui o que queria. A segunda maior editora da Itália tem uma coleção com o meu nome, onde sou o revisor e que vende no mundo inteiro. E também estou com um livro de técnicas que são, na realidade, meus conceitos, que para mim não são só técnica. Existe algo mais dentro da gente. Ele será lançado em versões em inglês e italiano.

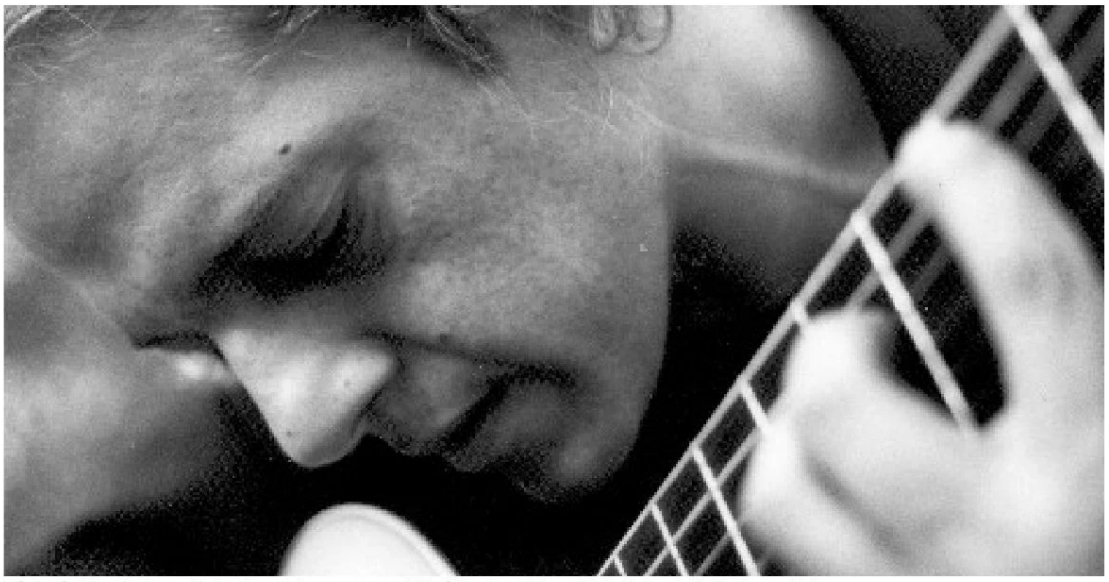
Eu procurei misturar músicas de épocas diferentes, com linguagens diferentes, mas procurando a mesma mensagem

Revelação: Agora no final do ano você vai lançar um novo CD. Como será o repertório?

MV: Eu procurei misturar músicas de épocas diferentes, com linguagens diferentes, mas procurando a mesma mensagem. Eu estou muito confiante nesse CD por que ele foi muito expontâneo, eu não sentei para fazer o repertório. Eu fui gravando e quando vi o CD estava pronto. Foi muito mais romântico mas com equilíbrio. Ele vai se chamar "Canções e Danças".

Revelação: O que você recomenda para os músicos que estão começando agora?

MV: Uma vez eu toquei em Roma e eu olhava o Coliseu, as ruínas que eu via nos livros e eu dizia: é possível. É só acreditar. Muita gente diz que é difícil. Era muito mais difícil na minha época. Eu acho que o que falta é força de vontade. O importante é acreditar, é essa a coisa. Acreditar nos seus sonhos.



Músico é o idealizador e criador do mais famoso grupo violonístico brasileiro, a "Belo Horizonte Guitar Ensemble".

issuu-downloader.com

Raízes do latifúndio

João Pedro Stedile, um dos coordenadores do MST, conta a história da concentração de terra no país e explica o sentido da luta dos movimentos sociais

Sobreviventes aprisionados depois do massacre de Canudos, o primeiro movimento camponês organizado do país — reprodução de foto de Euclides da Cunha

André Azevedo da Fonseca
4º período de Jornalismo

"Estou alegre que hajam jovens idealistas, que querem conhecer melhor o Brasil, colocar sua profissão a serviço dos interesse da maioria... espero..." Assim começou a palestra de um dos principais coordenadores do movimento dos Sem-terra (MST), João Pedro Stedile, concedida a um grupo de 20 estudantes e recém-formados em Jornalismo que participavam do projeto Repórter do Futuro, um curso realizado pela Oboré - projetos especiais em comunicações e artes, em parceria com a Radiobrás. O encontro foi realizado na tarde de 19 de julho, na sede da Oboré, em São Paulo – alguns dias antes de sua palestra no salão paroquial no município de Canguaçu (RS), quando um trecho de sua fala serviu de base para uma avalanche de críticas na imprensa brasileira.

Na conversa com os estudantes, Stedile fez uma síntese da história da ocupação e posse da terra no Brasil – país no qual, junto ao Paraguai, persiste a maior concentração de terras no planeta. Para ele, compreender a História é fundamental para entender as raízes do problema agrário brasileiro e o sentido da luta dos movimentos sociais. E o que disse, em resumo, foi o seguinte:

Antes de os portugueses chegarem ao continente, há 503 anos, havia 5 milhões de pessoas distribuídas em diversas tribos e agrupamentos sociais. A terra, evidentemente, era de propriedade coletiva, um bem da natureza. Com a conquista dos portugueses, as terras passaram a pertencer à Coroa, e para que os capitalistas pudessem usufruir da terra, foi implementado um sistema de concessão de uso: eram as capitanias hereditárias – extensões gigantescas de terra, mais tarde medidas em sesmarias. O sistema econômico era baseado na monocultura exportadora de algodão, cana-de-açúcar ou cacau, realizada em grandes unidades de produção, através de exploração de mão-de-obra escrava.

Dom Pedro II promulgou a Lei 601 de 1850 – que, há apenas 153 anos, introduziu a propriedade privada das terras no Brasil

Em meados do século XIX os negros já se organizavam e fugiam para os quilombos. Ao mesmo tempo, graças a forte pressão do capital inglês, esse modelo de produção agro-exportadora entrou em crise. Assim, Dom Pedro II foi levado a promulgar a Lei 601 de 1850 – que, há apenas 153 anos, introduziu a propriedade privada das terras no Brasil. A partir daí, os senhores de engenho poderiam transformar-se em proprietários das glebas que ocupavam – desde que pagassem uma fortuna à Coroa.

Segundo Stedile, em outras colônias das Américas foram criadas leis mais democráticas. A lei de terras dos EUA, promulgada por Abraham Lincoln em 1862 (12 anos depois da brasileira) garantiu a posse de 100 acres (equivalente a 80 hectares) de terra pública a toda e qualquer família americana que quisesse trabalhar na terra – uma revolução no campo, o que constitui-se em uma verdadeira lei de reforma agrária, apesar de não ter tido esse nome.

"Aqui no Brasil as elites não quiseram esse caminho" porque queriam "que os negros continuassem trabalhando como assalariados deles". Para Stedile, esta é a base da desigualdade atual. "Nós perdemos a primeira oportunidade de fazer reforma agrária na transição da escravidão para um outro modelo".

Industrialização

A crise do modelo agro-exportador se prolongou até 1930, quando então surgiram as primeiras lutas organizadas de camponeses. Esses trabalhadores rurais eram formados por gerações de miscigenados – mamelucos e mulatos excluídos pela lei de 1850 – que haviam entrado sertão adentro em busca de terra. Para Stedile, a primeira grande luta camponesa do Brasil foi Canudos. "O que foi Canudos? Um líder messiânico, Antônio Conselheiro, disse para esse tipo de população: *vamos pessoal, eu sei onde tem terra boa, vamos comigo que lá ninguém vai encher o saco."* Antônio Conselheiro conseguiu reunir 25 mil pessoas em quatro anos. "Aí o governo se assustou com aquela mobilização, e a história do massacre vocês conhecem..."

No Brasil, o capitalismo entrou na agricultura, mas apenas na grande propriedade, expulsando ainda mais a mão-de-obra

Assim, para repor a mão-de-obra na lavoura, a classe dominante estimulou um programa de atração de camponeses pobres da Europa, de forma que, entre 1875 e 1914 vieram para o Brasil 1,6 milhão de famílias de camponeses pobres. O governo chegou a fazer um programa de colonização das terras públicas, entregando a eles, no inicio, de 40 a 50 hectares, e depois, aos ou tros, 25 hectares. Assim, aquelas gerações de miscigenados e esses imigrantes formaram, pela primeira vez na nossa sociedade, o que pode ser chamado de classe social dos camponeses.

A saída da crise aconteceu em 1930, quando a chamada burguesia industrial, constituída com o capital dos barões do café e sediada sobretudo em São Paulo, fez uma revolução política, destronou a oligarquia rural, assumiu o poder e implementou um novo modelo econômico. Nesse momento, explicou, a classe dominante brasileira perdeu a segunda oportunidade de fazer uma reforma agrária.

Segundo Stedile, todos os países do hemisfério Norte casaram o capitalismo industrial com distribuição de terras no século

Marcos Zaniboni / Oboré

Stedile conversou com estudantes que participavam

André Azevedo da Fonseca

Os jornalistas Sérgio Gomes e Sérgio Buarque de Gusmão acompanharam Stedile na palestra na Oboré

issuu-downloader.com

m do curso Repórter do Futuro, em São Paulo

XIX. Inclusive, quem inventou o termo reforma agrária foi a própria burguesia industrial da Europa, que desenvolvia uma política de Estado para derrotar a aristocracia rural européia, dividir a terra, transformar os camponeses em pequenos proprietários e, portanto, em pequenos produtores rurais e pequenos consumidores das mercadorias produzidas pela indústria.

Mas no Brasil, Getúlio Vargas não fez reforma agrária, primeiro porque o capitalismo brasileiro era voltado ao mercado externo – e não ao mercado consumidor interno. E depois, porque precisava de um elevado nível de exploração de mão-de-obra para poder competir com a Europa, pois a única maneira de ter alta taxa de lucro era ter baixos salários. E para ter baixos salários é preciso ter grandes contigentes de mão-de-obra sempre procurando emprego. E de onde vinha esse 'exército industrial de reserva', cujo papel fundamental é manter os salários baixos? "Vinha do interior, dos filhos de camponeses."

Dessa forma, o modelo de industrialização, para a burguesia brasileira, foi um sucesso. "Durante 50 anos – de 1930 a 1980 – nossa economia teve um processo de crescimento econômico fantástico! Nesse período, na história do planeta, nenhuma outra sociedade cresceu tanto economicamente quanto o Brasil. E nós saímos de uma economia atrasada e agrícola, e em 50 anos nos transformamos na oitava economia do mundo!"

Da década de 80 para cá, ocorreu o fenêmeno que José Graziano, atual Ministro Extraordinário de Segurança Alimentar e Combate à Fome, descreveu em sua tese de doutorado como *modernização dolorosa* – ou seja, aqui, o capitalismo entrou na agricultura, mas apenas na grande propriedade, expulsando ainda mais a mão-de-obra. Segundo Stedile, o Brasil tem a mais alta tecnologia agrícola, mas se por um lado ela aumenta a produtividade da lavoura, aumenta também a concentração da riqueza, o desemprego, a pobreza, a desigualdade social – "tudo ela aumenta, e aumenta até os idiotas que, de vez em quando, escrevem nos jornais que a agricultura brasileira deu certo. Deu certo para apenas 26 mil proprietários, de áreas entre 500 hectares e 1 mil hectares; mas para os pequenos agricultores, que têm pouca terra, esse modelo agrícola não deu certo."

Geografia da desigualdade

Números mostram concentração da propriedade da terra no Brasil

Na palestra concedida aos estudantes de Jornalismo, o coordenador do MST, João Pedro Stedile, demonstrou com números a desigualdade na distribuição de terra no Brasil. "Em números gerais, só para vocês terem uma idéia: pela extensão territorial do Brasil, transformando os 8 milhões de quilômetros quadrados em hectares, nós temos 860 milhões de hectares." Destes, em torno de 260 milhões ainda se mantém como terras públicas de propriedades da União, ou dos Estados, que é em geral a chamada Amazônia Legal – toda aquela região do extremo norte – além de algumas regiões de fronteira.

"Então temos hoje, no Brasil, 600 milhões de hectares de propriedade privada, com escritura em cartório. E destes 600 milhões de hectares, a estrutura social é mais ou menos a seguinte: 1% dos proprietários de terra no Brasil controlam 46% de todos esses 600 milhões. Isso como número geral. Mais detalhado dentro dele, nós temos 27 mil fazendeiros que possuem fazendas acima de 2 mil hectares que controlam, hoje, 178 milhões de hectares. O maior deles é de uma construtora de Curitiba, do Cecílio Rego de Almeida, que é dono de 4 milhões de hectares – uma área maior do que a Dinamarca! É a famosa construtora CR Almeida! Ele não sabe diferenciar um pé de melancia de um pé de abóbora, mas é dono – tem escritura lavrada, lá no Pará – de 4 milhões de hectares."

"Logo abaixo desses 27 mil fazendeiros", prossegue, "tem o que nós poderíamos chamar de 'a burguesia agrária produtora', que são mais ou menos em torno de 400 mil proprietários, que possuem entre 100 e 2 mil hectares. Esse é o núcleo que produz na agricultura, o núcleo capitalista da nossa sociedade"

Cecílio Rego de Almeida, dono de uma construtora em Curitiba, possui 4 milhões de hectares – uma área maior do que a Dinamarca

Depois, abaixo de 100 hectares – que seriam os pequenos agricultores, ou camponeses, que é a base da Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura (Contag) – há 5 milhões de famílias de camponeses. "Para vocês verem como vão se ampliando as contradições." E além desses 5 milhões de pequenos proprietários, existem 4,6 milhões de famílias que vivem no interior do Brasil, mas que não têm terra. São os campones sem-terra, que é a base do MST. "E abaixo de nós, ainda tem outros 5 milhões de pessoas – porque aí é difícil calcular família – 5 milhões de pessoas que trabalham como assalariados rurais. Inclusive, grande parte deles já mora nas cidades."

"Essa é a realidade que existe na nossa sociedade", afirmou. "O movimento Sem-terra só existe porque existe essa realidade. Só existe sem-terra porque, antes dos sem-terra, existe o latifundiário. Lá na minha região, onde me criei, nas terras do meu avô, que é a região colonial italiana no Rio Grande do Sul, lá não tem latifúndio – e não tem sem-terra! Então, onde se produziu regiões onde a terra foi distribuída democraticamente, não se produziu latifúndio e não se produziu o sem-terra pobre."

A força da mobilização social

Coordenador do MST fala sobre o sentido da organização dos pobres

"O movimento Sem-terra é a expressão natural daquele setor da nossa sociedade que resolveu se organizar para lutar pelos seus direitos.", afirmou João Pedro Stedile na palestra aos estudantes. O MST nasceu, em nível nacional, em 1984 – justamente aproveitando toda aquela efervescência social e o reacendimento do movimento de massa na luta contra a Ditadura. Não foi, portanto, coincidência, mas foi fruto de um contexto histórico e ideológico.

"Os pobres sem-terra têm discernimento suficiente para se indignar: vivendo num país com tanta riqueza, numa sociedade tão rica, por que ele é pobre? Por que passar necessidades, diante de tanta riqueza? Por que eu tenho que passar fome, passando todos os dias em frente a uma lavoura de milho?"

"Os sem-terra têm discernimento para se indignar: vivendo num país com tanta riqueza, por que ele é pobre?"

Stedile disse que o segundo objetivo do movimento é a luta contra a desigualdade social. "Por que nossa sociedade é tão desigual? Por que o Sr. Cecílio Rego de Almeida tem 4 milhões de hectares e eu nenhum? Por que?" Para alcançar esse objetivo, eles assimilaram diversos ensinamentos dos movimentos camponeses que os antecederam – na América Latina, por exemplo, há uma tradição de luta camponesa muito maior.

"Nós usamos até uma historinha didática", um "exercício de raciocínio lógico" que, segundo Stedile, é a primeira aula dos sem-terra, para despertar a consciência crítica: de onde vem o poder dos latifundiários, dos ricos? Vem do dinheiro! Com o talão de cheques compra o jornalista, compra a televisão, compra tudo. E os Estados, os políticos, de onde vem o poder deles? O Estado usa o seu poder é nas Forças Armadas. Quando o Estado quer aplicar sua vontade, chama a polícia ou o exército.

E o sem-terra, os pobres, como é que têm força? Nós não temos cheque, não temos polícia. De onde vem a força? A força dos pobres, dos trabalhadores, vem do número! Quanto mais gente nós conseguirmos juntar e organizar para o mesmo objetivo, maior força nós temos.

"Se vamos em duas pessoas – por mais que o digam líder dos sem-terra – falar com o prefeito lá da sua cidade, a secretária, já na primeira sala, já diz que o prefeito viajou para a capital. '*Vocês são o quê? Sem-terra? Ah, o prefeito viajou.*' Se chegamos em 50, ela diz: '*espera aí um pouquinho que eu vou ver se ele está!*', e antes dela voltar o prefeito já aparece: '*no que eu posso atender meu povo?*' Mas isso porque estão em 50."

"Mas se viemos em 500, antes de chegar na porta da prefeitura, o prefeito já vai no meio da estrada: '*em que eu posso ajudá-los?! Nós representamos vocês! Eu já fui pobre, hein!!!*' Essa é uma frase clássica dos políticos. '*Eu já fui pobre hein! Eu já trabalhei, sou igual a vocês!!!*'"

Então, qual é a força que, milagrosamente faz com que o tratamento do prefeito seja do '*estava viajando*', depois '*espera um pouco*' e então '*no que eu posso atender meu povo?*' "É o número! E aí que está a nossa força. No número. Então, a tarefa do MST é juntar número de pessoas com consciência para que lutem por um mesmo objetivo, por um mesmo ideal. Aí sim, se transforma em uma força social. É para isso que precisa organização. Organizar vontades, energias para um mesmo objetivo, isso que é o MST."

issuu-downloader.com

Comunidade Nova Jerusalém

Só por hoje!

Dependentes químicos em recuperação aprendem a ser mais fortes que a vontade de usar a droga

Erika Machado
6º período de Jornalismo

O barulho se aproxima. O ronco da Kombi avisa que está chegando a hora de partir. É nela que os 34 residentes da Comunidade Nova Jerusalém foram tentar uma nova chance. Cada um deles, em seus diferentes dias, esperaram aquele momento em que partiriam rumo à nova vida.

O motorista e a psicóloga já estão acostumados com aquele dia a dia. Entrar na Kombi da comunidade faz parte do cotidiano dos dois. Para os "marinheiros de primeira viagem", tudo é novidade. A sensação dentro daquele carro é estranha. As angústias de quem teve que pedir ajuda para se reerguer misturam-se com a alegria de quem retomou a vida limpo das drogas.

A Kombi leva e traz qualquer pessoa da fazenda, onde fica instalada a Comunidade, até a cidade e vice-versa. Ela não carrega só os passageiros, mas os sonhos de todos eles.

Ao longo dos 23 quilômetros que separam a fazenda da cidade, os pensamentos dos que viajam perdem-se tentando entender para onde se está indo. É engraçado como um lugar - antes desconhecido - parece mais longe quando não se sabe o caminho que leva até lá. Aquela viagem parece interminável. Olha-se para todos os lados e não se sabe aonde vai chegar. Não se sabe o que os espera, mas o que ninguém mais quer é esperar pelo recomeço.

São 34 homens que, qual a fênix, tentam renascer das cinzas deixadas pelas drogas. Todos que lá estão já chegaram no grau máximo do vício. A psicóloga da comunidade, Maria Célia Passos Ferreira, trabalha há três anos atendendo os residentes que são chamados de "adictos em recuperação", ou seja: são dependentes químicos em recuperação. Quando ela chega, ainda cedinho, a maioria deles está debaixo da árvore, nomeada como o "fumódromo" da fazenda. Nos outros lugares, qualquer tragada é proibida. Então, sempre que têm um tempinho, eles vão fumar um cigarro que, ali, dos males, é o menor.

São 34 homens que, qual a fênix, tentam renascer das cinzas deixadas pelas drogas

Ela faz um trabalho de reuniões em grupo e atendimento individual. No primeiro encontro, eles se reúnem em um salão sentados em círculo, de modo que todos possam se ver. E é assim que o coordenador da comunidade faz questão que todos estejam, sempre que recebem alguma visita.

Valdir, 31 anos, é mais um adicto em recuperação. É ele quem coordena os outros residentes mas, para chegar lá, foi um longo caminho, até que Valdir ganhasse esse voto de confiança.

Os olhos daqueles homens são fixos. Por um momento, eles pensaram ser mais uma reunião com a psicóloga que estava ali para ajudá-los. E realmente é uma ajuda, mas de outra maneira. Saber o quanto aquele lugar é importante para eles e ajudar de alguma forma, conhecendo e divulgando o trabalho daquela instituição, é o nosso objetivo.

Todos se apresentaram. Alguns fizeram questão de dizer há quanto tempo estavam internados, outros apenas pronunciaram secamente o nome. Cada um que se expressava, ganhava os gritos e as palmas de apoio dos companheiros, sempre puxados pelo coordenador: - É isso aí, é isso aí! Legal, legal! Os gritos ainda parecem ecoar nos ouvidos. Tirar força para ajudar o próximo, quando se precisa de ajuda todos os dias. Esse é um dos lemas: "Só por hoje!"

O tratamento

O processo de tratamento leva nove meses. Célia conta que é o mínimo que o adicto precisa para tentar mudar os hábitos. No dia-a-dia, eles têm horários para tudo. A rotina começa cedinho. Às 6h da manhã, todos estão de pé. O tratamento envolve trabalho braçal. É a chamada Laborterapia. Os residentes capinam, plantam e regam hortaliças e frutas. Cuidam de animais e de toda a manutenção da fazenda.

O trabalho de sol-a-sol é o que desintoxica. A psicóloga explica que com a Laborterapia não é preciso o uso de remédios, como é feito nas clínicas de internação. Mas a moçada não gosta. Uns chegam a dizer que não estão lá para trabalhar. "Se eles soubessem a importância desse trabalho para a recuperação não reclamariam tanto", explica Célia. E não é só o corpo que precisa do trabalho. A mente precisa estar ocupada para não pensar nas drogas.

Quando estavam envolvidos com as drogas, eles trocavam o dia pela noite, não tinham horários e não dormiam o suficiente. É claro que o organismo fica debilitado. O trabalho com a mente envolve não só o atendimento psicológico, mas uma espiritualização. A instituição é uma comunidade católica. Orações e reflexões fazem parte do tratamento. Grupos voluntários fazem momentos de religiosidade, onde rezam, cantam e pedem ao Deus que acreditam, uma ajuda para aquelas pessoas.

Ninguém é obrigado a seguir a religião católica, mas o momento de reflexão, quando eles voltam-se para dentro de si mesmos, deve ser respeitado e ajuda muito no tratamento.

A instituição é uma comunidade católica, mas ninguém é obrigado a seguir a religião

Tudo é feito por eles. Na cozinha, a cada semana, quatro residentes são responsáveis pelo "rango" da galera. Eles cozinham, lavam e organizam a despensa. Graças a um casal de voluntários que ensina receitas na cozinha, alguns residentes já aprenderam a fazer quitandas que incrementam os lanches.

Da roupa suja, cada um cuida da sua, mas a higiene do local também é feita em grupo, em sistema de revezamento. E tudo é bem-estruturado, mas nem sempre foi assim.

fotos: Cris

Comunidade Nova Jerusalém abriga 34 residentes em recuperação

Muito trabalho e dedicação

Em 1992, três pessoas reuniram-se debaixo de um barracão de lona e começaram um trabalho de ajuda na recuperação de cinco dependentes químicos. Tudo começou só com boa vontade, sem recursos ou estrutura nenhuma.

Maria Aparecida Ferreira participava da pastoral carcerária, um grupo voluntário que visitava presos na cadeia de Uberaba. Com o grande número de dependentes encarcerados, Maria Aparecida via a necessidade de ter um lugar de recuperação para dependentes na cidade, já que todos que precisavam de tratamentos tinham que ser enviados para instituições fora de Uberaba, como em Araxá.

Maria Aparecida foi à Campinas conhecer o trabalho do padre Aroldo, que desenvolvia a técnica da FEBRACT (Federação Brasileira Comunidades Terapêuticas), um tratamento através da Laborterapia e espiritualidade.

Em 1991, Maria Aparecida trouxe para Uberaba, o Nata (Núcleo Apoio a

issuu-downloader.com

Toxicômanos e Alcoólatras), que são grupos de apoio às famílias de dependentes. Em novembro de 1992, nascia a comunidade Nova Jerusalém. Um outro membro da pastoral carcerária, Antônio Carlos, ofereceu um pedaço de terra que tinha herdado dos pais para ser a sede da instituição. Foi o suficiente para o início do projeto. Maria Aparecida, Antônio Carlos e um ex-presidiário que tinha se tratado em Araxá juntaram-se, compraram alguns mantimentos e foram para a fazenda com cinco dependentes.

O trabalho braçal ficou por conta dos residentes, que capinaram e plantaram as primeiras hortaliças. A espiritualidade foi feita por Maria Aparecida e pelos companheiros que, aos poucos, foram ganhando apoio de outras pessoas.

Eles faziam pechinchas na Feira da Abadia, recebiam doações e ganhavam voluntários na luta contra as drogas. Não tardou para a Prefeitura Municipal de Uberaba reconhecer a importância da comunidade e firmar convênio com a instituição.

Onze anos depois, a fazenda tem plantação de frutas e verduras e toda uma infra-estrutura com quartos, cozinha, salas para reuniões e locais adequados para o atendimento de psicóloga e dentista.

Na cidade, os residentes contam com uma casa de apoio que os recebe sempre que precisam, e um escritório, onde podem ser feitas as fichas para a internação, a triagem e os cuidados com os assuntos burocráticos.

Na cozinha, a cada semana, quatro residentes são responsáveis pelo "rango" da galera

Os grupos de apoio

Longe da segurança da Nova Jerusalém, os já recuperados podem contar com o apoio do Nata, AA (Alcoólicos Anônimos), NA (Narcóticos Anônimos), que são grupos de adictos que já passaram pelo processo de tratamento e agora se encontram para buscar apoio e não voltarem ao mundo das drogas. Pessoas que passaram pelos mesmos problemas conversam e trocam experiências.

Para Valdir, o apoio desses grupos é indispensável. Valdir refere-se ao vício como uma doença incurável. Ele diz que a vontade de usar a droga nunca passa, mas é preciso ser mais forte do que ela. Essa força ele encontra nos grupos de apoio que considera seu "amuleto".

Talvez esse seja o momento mais difícil do tratamento: você tentou mudar, mas o mundo lá fora continua o mesmo. O receio da família, o preconceito, a reintegração na sociedade e a droga na sua frente. Para isso, durante esses nove meses os residentes recebem apoio de uma assistente social, que faz esse elo de ligação entre eles e os familiares. É preciso estar preparado para receber o dependente de volta na família.

O trabalho da assistente social ganha o reforço dos grupos de apoio aos familiares de dependentes. Amor Exigente e Abraço (Associação Brasileira Comunitária para Prevenção do Abuso de Drogas) fazem reuniões semanais para dar apoio e força. Como no AA e no NA, pessoas que passaram pelos mesmos problemas trocam experiências e ajuda mútua.

Os resultados nunca são "cem por cento". Muitos têm recaídas e voltam ainda piores para o mundo das drogas, mas Maria Aparecida não desanima. Para ela, a sociedade está doente. A droga é fácil e a relação entre os familiares está cada dia mais difícil. Não se educa os jovens sobre as drogas. Falta preparação e conversa porque hoje, o certo, por questão de status, é usar drogas. É a tal "integração social". Se no início é assim, o fim dessa história pode ser de exclusão total, da sociedade, da família e das coisas boas da vida. E na comunidade não faltam exemplos disso.

Exemplo de força e esperança

Natural de Belo Horizonte, Valdir teve o primeiro contato com a maconha aos 12 anos. Ele queria fazer parte daquela galera que era conhecida como os "malucos da cidade". Não hesitou em experimentar todos os tipos de droga que lhe foram oferecidos. Escondeu da família o quanto pôde, mas aos poucos foram notando a sua mudança de comportamento. Para não magoar os pais, fugiu. O que ele chama de fuga geográfica: você muda de cidade, mas carrega o vício com você. Várias vezes ele repetiu essa atitude.

reprodução

Dependentes trocavam o dia pela noite, deixando o organismo debilitado (foto ilustrativa)

A fazenda tem plantação de frutas e verduras que ficam por conta dos internos

Onde chegava não era difícil encontrar companheiros que estavam nessa vida das drogas. Valdir fala que eles se conhecem pelo jeito de olhar nos olhos, no jeito de cumprimentar, eles sabem se aquele é um "dos seus".

Não adianta a pessoa ficar aqui com a mente em outro lugar. Assim, não existe mudança

Fotógrafo, Valdir deixou de registrar bons momentos de sua vida e, hoje, carrega na memória o inferno que viveu no envolvimento com as drogas. Do primeiro "baseado" à dependência total do crack passaram-se mais de dez anos e Valdir chegou a roubar para manter o vício. Cada vez queria mais "onda", drogas "fracas" já não o satisfaziam e assim veio parar em Uberaba - sem dinheiro, sem emprego, sem amigos e com uma só companheira: a droga.

Na cidade, arrumou um emprego na construção civil, mas todo o dinheiro que ganhava gastava com o crack. "As bocas" viraram sua casa, perdeu a confiança do proprietário do lar onde morava, perdeu o emprego e começou a roubar.

Doeu a consciência. Valdir fala que não gosta de magoar as pessoas, mas ele precisava sustentar o vício. Na verdade, Valdir demorou a perceber que ele era a pessoa mais magoada. E continuou nessa vida, até conhecer a comunidade.

Depois de um assalto, ele e mais dois dependentes tiveram que fugir de Uberaba. Foi quando um dos companheiros falou do trabalho da Nova Jerusalém e disse que era para lá que ele iria "fugir". Valdir ainda tentou continuar naquela vida, mas percebeu que precisava de ajuda. Foi então que procurou o escritório da comunidade, se inscreveu e passou pela triagem.

Mas, na época, não tinha vaga e ele teria que esperar para iniciar o tratamento.

Neste dia, ele estava sereno e choroso, foi a uma Igreja para rezar, mas não conseguiu tirar os olhos das bolsas das pessoas que lá estavam. E para saciar o vício, furtou todos que estavam ali rezando. Parecia que ia dar errado, mas graças à desistência de uma outra pessoa, Valdir ganhou a chance de tentar um nova vida.

No dia marcado, entrou na mesma Kombi e partiu. Sentiu um grande vazio. O começo foi difícil. Demorou seis meses para aceitar a programação. " Não adianta a pessoa ficar aqui com a mente em outro lugar. Assim, não existe mudança." E ele conta que gostava da rua, queria estar lá fora. Mas optou por ficar, ganhou uma segunda chance e começou tudo novamente.

Valdir não só mudou seus hábitos, ganhou a confiança, e hoje é coordenador do grupo. Passou por treinamentos e hoje não é apenas mais um adicto em recuperação, é um exemplo de força de vontade e de que todos lá podem vencer. "Não é fácil, a droga, sim, é muito fácil, ela chega em você sem você perceber, parece que a gente atrai", relembra.

Hoje, Valdir vai à cidade na hora em que precisa, mas durante o tratamento, ficou tão isolado quanto os residentes que estão lá. Posteriormente, com seis meses de tratamento, o residente pode ficar quatro dias na casa da família; no sétimo mês aumenta para seis dias; no oitavo, oito dias, e com nove meses de tratamento é graduado e sai definitivamente.

Quando se chega à fazendinha, os residentes trabalham na construção de mais salas para a comunidade. A psicóloga Célia brinca que a comunidade está em permanente em construção. Mais do que construções materiais, a comunidade vive em construções de novas vidas que ali recomeçam.

issuu-downloader.com

Artigo

Mitologia, cultura erudita e cultura popular

Devemos ter a noção exata do papel social que deve nortear nossas ações, pesar os parâmetros do que é favorável e do que é desfavorável com relação aos mitos e à nossa cultura

Jamil Idaló Júnior
2º ano de História

Os mitos constituem-se como a primeira forma de manifestação do pensamento humano e, como tal, inserem-se no universo dos símbolos, coexistindo com conceitos, sobrevivendo através de ritualizações. São polimorfos e polissêmicos, têm como função principal a explicação do *real* aos sujeitos históricos. Eles não se preocupam em transformar o *real,* mas sim em explicar suas origens, ou seja, estão situados num tempo fabuloso, "a aurora do homem" (tempo litúrgico ou lírico). O mito deixa enigmático em si uma mensagem cifrada, precisando ser interpretada, pois apela ao imaginário para existir. É constituinte e constituidor do *real*, representando as emoções humanas. Se sua principal função é explicar aos sujeitos suas realidades, então, ao negarmos a existência do mito estamos negando a própria realidade. Pois, sendo inerente ao homem, razão e emoção, com a ciência sendo a manifestação da razão, e o mito da emoção (sonhos e pulsões), ambos completam-se (razão e mito).

Já cultura é o sistema de símbolos que articulam significados, através de um conjunto de conhecimentos cumulativos expressos de maneira social e histórica de um povo. Apropria-se da prática porque só tem sentido na experiência. É sempre coletiva nunca individual. O homem produz a cultura que o reproduz como homem. O processo de construção da cultura, através da transformação da natureza, possibilita ao homem inteirar-se de sua "consciência". Através da cultura e da história humana, com a consciência reflexiva transcendendo à sua necessidade e sua liberdade, num processo dialético, o homem legitima sua própria condição de *ser humano.* A cultura é histórica, pois a história é o *desenvolvimento* deste mesmo processo dialético da mudança da natureza em cultura, enquanto a cultura constitui-se da transformação do mundo natural em "humano", portanto, é inadmissível uma cultura a-histórica.

O estreitamento de relações entre mito, cultura erudita e popular se dá de acordo com o modo estrutural de cada sociedade às quais eles são pertinentes. O instrumento que pode fazer com que transpareça essa aproximação

Édipo e a esfinge - reprodução

e/ou distanciamento é exatamente a história. No desencadeamento do processo histórico de determinada sociedade, ou seja, na forma com que as diferentes classes participaram e participam da vida social, nas diferentes maneiras com que a classe dominante impõe determinantes nas classes populares e a recíproca popular em relação à dominante, tudo isto num movimento cíclico, desenvolve o fenômeno da *circularidade social.*

O mito deixa enigmático em si uma mensagem cifrada, precisando ser interpretada, pois apela ao imaginário para existir

Em uma sociedade em que todos os setores da vida social são regidos pela desigualdade, das relações de produção e reprodução de bens materiais às simbólicas e de significados, as culturas têm uma restrita autonomia. Com a cultura erudita sobrepondo-se e alienando a cultura popular, esta última se torna *do* povo, entretanto, não *para* o povo. Através da mobilização de recursos de poder a cultura erudita se sobressai à popular, política e economicamente, por meio da mídia, etc. Neste unidirecionamento legitima seu domínio com estratégias de cultura de massa, para conquistar o imaginário das classes menos privilegiadas. Torna-se necessária uma ação consciente e organizada das classes populares, para que através da sua própria cultura possa criar instrumentos para sua libertação. Fazendo desta cultura alienada o solo onde possa germinar a semente da consciência de sua própria liberdade oprimida.

*"Não se trata de teorizar sobre a cultura em geral, mas de agir sobre a cultura presente, procurando transformá-la, estendê-la, aprofundá-la".(*Ação popular, cultura popular. Documento de orientação de ações políticas aos militantes, MA60, p.23).

Partindo deste princípio todas as ideologias de libertação, sejam políticas, econômicas ou sociais estão situadas no movimento de cultura popular. Com a conscientização de intelectuais tanto eruditos como populares, em comprometimento mútuo num projeto libertário *do* povo e *para* o povo. Este projeto poderá ter êxito se praticado na área da educação, com os próprios educadores se conscientizando da responsabilidade social que deve permear sua profissão, *praticando* a valorização da cultura popular.

Por outro lado, os mitos se inserem neste contexto de maneira efusiva, pois alguns são a base da cultura ocidental. Vejamos por exemplo o mito grego de Édipo e o tabu do incesto. É certo que o segundo nasceu do primeiro e é o suporte organizacional de nossa sociedade contemporânea. Por que não mantemos relação sexual com pais, irmãs ou irmãos? Para alguns, toda nossa estrutura social mudaria se quebrássemos este tabu. As pessoas viveriam em tribos ou clãs, separadas umas das outras.

Portanto, devemos ter a noção exata do papel social que deve nortear nossas ações, pesar os parâmetros do que é favorável e do que é desfavorável com relação aos mitos e à nossa cultura, para podermos construir uma comunidade cada vez mais harmoniosa e com melhor qualidade de vida para todos.

issuu-downloader.com

CADERNO LITERÁRIO

A Casa Da Árvore E A Vida

Que reste ali, em algum canto escuro e circular da alma, a marca indelével e sutil de que a vida lhes era compreendida e aceita...

Luiz Flávio Assis Moura
3º período de Jornalismo

reprodução

Era um desses dias de sábado em que nada pode ser considerado comum, e eu andava pela vizinhança sem a esperança de mudar o mundo, ciente da conspiração que a existência urde a favor de si mesma a cada instante. Em uma das casas, me deparei com uma casa de árvore, daquelas que quase todo mundo já viu em algum momento da vida mas quase não se ouve mais falar, como uma verdade ardentemente proibida e apaixonante que sopra nos ouvidos da gente viva vez por outra. A surpresa maior era que a casinha não estava vazia: tinham dois meninos ali dentro, cantando sem vergonha ou excitação mas alegres e suspeitamente livres. Eles cantavam aquela musiquinha besta "Tem que viver, viver, valer" em sua própria rendição: por alguma vontade perversa de brincar, ou quem sabe simples e pura falta de discernimento da realidade permitida, eles entoavam deliciosamente desafinados "Tem que viver, viver, morrer" em uma satisfação claramente clandestina, cometendo um erro sabido e assustador para quem tem medo. Meu fascínio foi imediato e atrevido: eu fitava a casinha e a música em uma surpresa atordoada e aquele instante poderia pertencer à misteriosa mãe de Deus sem punições. Como crianças, eles provavelmente se deram conta sem os olhos que havia alguém ali e um deles colocou a cabeça para fora, já pronto para inquirir qualquer coisa:

-O que foi?
-Nada, não.

Nada, nada. Não foi nada, só a surpresa múltipla. Pouco depois, tomei meu rumo e eles voltaram a cantar como se eu nunca tivesse existido um dia. O inesperado daquele instante me fez pensar e não pude fazer nada senão tentar compreender aquilo que havia sido deixado sem compromissos, estranho e amigo como um mal sem dor. Afinal, existe uma sabedoria nas coisas mais tolas; aquelas crianças não saberiam dizer de que forma um adulto pudesse absorver o seu poder, mas elas o demonstraram com graça e propriedade, sábias e cruéis. Elas sabiam e ainda devem saber que aquela música transmutada por sua bobice doce e aguda ganhou um significado: "tem que viver, viver, *morrer*", melancólico e inevitável. As crianças não só tiveram a coragem muda de entender a morte: também assumiram-na sem amargura, tanto como assumiam a vida alegremente.

Mas a morte nunca foi o oposto da vida: é uma parte integrante e confortante do processo intempestivo que é viver

A sabedoria carnívora da infância sempre me assombrou, e isto me fez lembrar novamente o porquê. Não são as crianças seres inocentes e puros? Ou são criaturas canonicamente perversas e inteligentes, capazes de entender a vida sem precisar explicá-la e tornam-se claramente livres até serem feitas de erro culpado? Tendo a crer na segunda alternativa; a inocência prevê um pouco de estupidez, o que raramente se encontra na concepção simples da vida. Diante da morte, quase sempre tomamo-nos de súbito pudor e angústia como se morrer fosse um câncer devastador e a vida eterna fizesse algum sentido. Mas a morte nunca foi o oposto da vida: é uma parte integrante e confortante do processo intempestivo que é viver. A vida não possui um oposto definível; quem sabe, possa eu dizer correndo o risco de errar que o oposto de viver é não viver - e quem morre certamente viveu. Não viver é muito diferente de morrer: muitas pessoas certamente não vivem mais há anos e ainda assim respiram. Mas isto é claro e inútil como um pedaço de vidro solto. O não-viver, em minha visão falível e turva, é a negação absoluta de uma ou mais partes do processo da vida - entre elas a morte, a tristeza, o contratempo, a reflexão, o súbito renascer de uma angústia e a possibilidade de algo não sair de acordo com os planos incorruptíveis de nossa tolice. Aquela música do "Tem que viver, viver, valer" seria também uma negação da vida, assumindo que a felicidade e o prazer são as únicas coisas aceitáveis na vida, negando o futuro e inclusive a inevitabilidade do processo. Em sua clarividência surda, os meninos entenderam o absurdo daquela canção e a subverteram sem destruir sua simplicidade, mas integrando a ela um siginificado compreensível e profundo - o qual eles provavelmente esquecerão quando adultos, porque a sabedoria é algo que não se carrega para a realidade inegável. Mas que reste ali, em algum canto escuro e circular da alma, a marca indelével e sutil de que a vida lhes era compreendida e aceita, dando-lhe respiração e sangue novo para não sofrer com as coisas que sabiamente encontram um fim para criar novos laços. E espero que outras pessoas entendam também. Uma vida muito boa e plena para cada um de nós. E que nossa morte seja também entendida e até amada. Amém para todos nós.

Em sua clarividência surda, os meninos entenderam o absurdo daquela canção e a subverteram sem destruir sua simplicidade

issuu-downloader.com

A calçada da fama te espera.

festival universitário do minuto

Participe do evento mais criativo da Semana de Seminários.
Mostre seu talento e deixe sua marca.

issuu-downloader.com